

Algoritmos Atravessam a Docência: entre exaustão e potência

Algorithms Traverse the Teaching Profession: between exhaustion and potency

Los Algoritmos Atraviesan la Docencia: entre el agotamiento y la potencia

Daniela De Maman

Doutora, Psicóloga, Professora Associada. Unioeste, Campus de Francisco Beltrão/PR
<https://orcid.org/0000-0002-9258-7974> ; E-mail: danielademamam@gmail.com

Lucas De Maman, Acadêmico do Curso de Medicina, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/BA
orcid.org/0009-0008-7822-801X ; E-mail: lucasdmamangmail.com

RESUMO

As transformações contemporâneas da educação, marcadas pela intensificação do trabalho e pela incorporação de dispositivos digitais, impõem novos desafios à saúde mental docente. Este estudo analisa como essas mudanças incidem na produção de subjetividade de professoras da educação infantil. Fundamentado em referenciais da Saúde Coletiva, da Educação e da Psicologia Social, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa de orientação cartográfica, utilizando observação do cotidiano institucional e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam processos de exaustão e de potência que expressam tanto o desgaste decorrente das condições de trabalho quanto a construção de estratégias de cuidado, resistência e produção de novos sentidos para a docência.

Palavras-chave: Docência; Saúde mental; Subjetivação; Psicologia Escolar.

ABSTRACT

Contemporary transformations in education, marked by work intensification and the incorporation of digital technologies, have posed new challenges to teachers' mental health. This study analyzes how these changes affect the production of subjectivity among early childhood education teachers. Grounded in Public Health, Education, and Social Psychology, this qualitative cartographic study employed institutional observation and semi-structured interviews. The findings reveal processes of both exhaustion and potency, expressing the strain imposed by working conditions as well as the construction of strategies of care, resistance, and the production of new meanings for teaching.

Keywords: Teaching; Mental health; Subjectivation; School Psychology.

RESUMEN

Las transformaciones contemporâneas de la educación, marcadas por la intensificación del trabajo y la incorporación de tecnologías digitales, plantean nuevos desafíos para la salud mental docente. Este estudio analiza cómo estos cambios inciden en la producción de subjetividad de profesoras de educación infantil. Fundamentado en referentes de la Salud Colectiva, la Educación y la Psicología Social, se desarrolló una investigación cualitativa de orientación cartográfica, basada en la observación del cotidiano institucional y en entrevistas semiestruturadas. Los resultados evidencian procesos de agotamiento y de potencia que expresan tanto el desgaste derivado de las condiciones laborales como la construcción de estrategias de cuidado, resistencia y producción de nuevos sentidos para la docencia.

Palabras-clave: Docencia; Salud mental; Subjetivación; Psicología Escolar.

INTRODUÇÃO

A saúde mental tem assumido crescente relevância nos debates sobre o trabalho e suas repercussões na vida dos sujeitos, especialmente diante das transformações que caracterizam a contemporaneidade. No campo educacional, a intensificação das demandas institucionais, a ampliação das atribuições docentes e a incorporação de tecnologias digitais têm reconfigurado o cotidiano escolar, produzindo novos desafios para o exercício da docência e para a saúde mental dos professores.

No Brasil, a Reforma Psiquiátrica representou um marco na compreensão da saúde mental ao questionar o modelo hospitalocêntrico e manicomial, historicamente sustentado por práticas de exclusão, tutela e controle social. Em seu lugar, consolidou-se uma perspectiva territorial e comunitária, orientada pela cidadania, pela autonomia e pelo reconhecimento da singularidade dos sujeitos em sofrimento psíquico (Amarante, 2007; Amarante, 2013; Costa-Rosa, 2011). Esse deslocamento ampliou a compreensão da saúde mental para além da dimensão clínica, reconhecendo sua estreita relação com as condições sociais, institucionais e de trabalho, perspectiva particularmente relevante para a análise do cotidiano docente.

As mudanças que atravessam a educação contemporânea também alcançam a organização do trabalho pedagógico. A crescente utilização de plataformas digitais, sistemas de monitoramento e métricas de desempenho introduz novas formas de regulação das práticas docentes, influenciando o tempo de trabalho, a autonomia profissional e os processos de produção de subjetividade. Ao mesmo tempo em que essas transformações podem intensificar a sobrecarga, o desgaste emocional e a precarização do trabalho, também possibilitam movimentos de criação, reinvenção e resistência no cotidiano escolar.

Partindo dessa compreensão, este artigo tem como objetivo analisar a saúde mental docente no contexto das transformações contemporâneas da educação, considerando a tensão entre exaustão e potência no trabalho pedagógico. Busca compreender como dispositivos institucionais e algorítmicos incidem na produção de subjetividade de professoras da educação infantil e discutir o papel da Psicologia Escolar na mediação desses processos, contribuindo para a construção de práticas voltadas ao cuidado, à autonomia e à produção de vida no contexto educacional.

Em termos analíticos, este estudo compreende que os códigos representam a racionalidade algorítmica que organiza, monitora e regula o trabalho docente, enquanto os afetos expressam os processos de subjetivação produzidos nas relações, nas experiências de cuidado e nas formas de resistência construídas no cotidiano escolar. É na tensão entre códigos e afetos que se inscrevem as experiências de exaustão e potência analisadas neste estudo, orientando uma compreensão da saúde mental docente para além de perspectivas exclusivamente individuais ou tecnicistas.

Para atender a esse objetivo, o artigo está organizado em quatro seções. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico, que discute a saúde mental docente a partir das contribuições da Reforma Psiquiátrica, da produção de subjetividade e das transformações contemporâneas do trabalho mediadas por tecnologias digitais. Em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na sequência, são apresentados e discutidos os resultados, organizados em torno dos eixos analíticos de exaustão e potência. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados do estudo e suas implicações para a Psicologia Escolar e para a promoção da saúde mental no contexto educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da saúde mental no campo das políticas públicas brasileiras foi profundamente transformada pela Reforma Psiquiátrica, que tensionou o modelo hospitalocêntrico ao propor uma atenção territorial, comunitária e centrada na produção de vida. Conforme discutem Amarante (2007; 2013), esse deslocamento representou não apenas uma reorganização dos serviços de saúde, mas uma mudança paradigmática na forma de compreender o cuidado, privilegiando a desinstitucionalização, a valorização da autonomia e a centralidade dos sujeitos em seus processos de vida. Na mesma direção, Costa-Rosa (2000; 2011) destaca que o modo psicossocial desloca o foco da doença para os processos de produção de subjetividade, compreendendo a saúde mental como fenômeno inseparável das condições sociais, institucionais e relacionais.

Essa perspectiva amplia a compreensão do sofrimento psíquico, que deixa de ser interpretado exclusivamente como manifestação individual para ser analisado em suas dimensões sociais, históricas e políticas. A noção de sofrimento ético-político, desenvolvida

por Sawaia (2001; 2009), evidencia que os modos de adoecimento estão diretamente relacionados às desigualdades sociais, às formas de exclusão e às condições concretas de existência, permitindo compreender que os processos de subjetivação são permanentemente atravessados pelas relações de poder e pelos contextos nos quais os sujeitos vivem e trabalham.

Ao transpor esse debate para o campo educacional, o trabalho docente pode ser compreendido como um espaço privilegiado de produção de subjetividade. A escola não se constitui apenas como lugar de transmissão de conhecimentos, mas como instituição permeada por normas, valores, expectativas e relações de poder que influenciam modos de ensinar, aprender, sentir e existir. Nessa perspectiva, as condições de trabalho, os processos de gestão e as formas de organização institucional incidem diretamente sobre a saúde mental dos professores, produzindo tanto experiências de sofrimento quanto possibilidades de fortalecimento da autonomia.

Nas últimas décadas, esse processo passou a incorporar novos elementos decorrentes da intensificação das tecnologias digitais no cotidiano escolar. Plataformas educacionais, sistemas de avaliação, mecanismos de monitoramento e dispositivos algorítmicos reorganizam práticas pedagógicas, redefinem tempos de trabalho e ampliam formas de acompanhamento do desempenho docente. Mais do que ferramentas técnicas, esses dispositivos participam da produção de modos de subjetivação ao estabelecer parâmetros de produtividade, disponibilidade permanente e responsabilização cada vez mais intensos.

Essa leitura dialoga com as contribuições de Foucault (2007) e Baremblytt (1984), que compreendem as instituições como espaços de produção de subjetividade, nos quais diferentes dispositivos regulam comportamentos, organizam práticas e produzem determinados modos de existência. Sob essa perspectiva, os algoritmos podem ser compreendidos como tecnologias contemporâneas de poder que operam de maneira difusa, mas produzem efeitos concretos sobre a autonomia docente, os ritmos de trabalho e as formas de organização da vida escolar.

As repercussões dessas transformações sobre a docência ultrapassam a dimensão técnica e alcançam a experiência subjetiva dos professores. Ao analisarem o sofrimento psíquico no contexto escolar, Aguiar e Almeida (2021) argumentam que a intensificação das

demandas institucionais, a ampliação das responsabilidades e a centralidade conferida ao cumprimento de metas tendem a invisibilizar as experiências de adoecimento vividas pelos docentes. Para as autoras, a lógica institucional frequentemente silencia o sofrimento dos professores, deslocando a atenção das condições de trabalho para o desempenho esperado. Nesse sentido, afirmam que:

O sofrimento/mal-estar do professor é, muitas vezes, silenciado pela própria instituição educativa, que exige dele o cumprimento de metas e o controle de variáveis que fogem ao seu alcance, empurrando-o para a clandestinidade de seus sintomas. É necessária uma escuta da subjetividade de cada profissional para, de fato, compreender todo o contexto em que está inserido (Aguiar; Almeida, 2021, p. 45).

A reflexão proposta por Aguilar e Almeida (2021) evidencia que o sofrimento docente não pode ser compreendido como expressão exclusiva de fragilidades individuais. Trata-se de um fenômeno produzido nas relações institucionais e nas formas contemporâneas de organização do trabalho, frequentemente invisibilizado por uma cultura escolar que privilegia resultados, desempenho e cumprimento de metas. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva psicossocial adotada neste estudo ao reafirmar a necessidade de produzir espaços coletivos de escuta, reconhecimento e cuidado.

Em diálogo com a noção de modo psicossocial proposta por Costa-Rosa (2000; 2011), a produção de saúde não se reduz à ausência de adoecimento, mas depende da construção de condições que favoreçam autonomia, participação e produção de sentidos no cotidiano. Merhy e Franco (2013) ampliam essa discussão ao compreenderem o cuidado como prática relacional produzida nos encontros e no trabalho vivo, indicando que a saúde mental constitui um processo coletivo, construído nas relações entre professores, estudantes, gestores e comunidade escolar.

Essa compreensão aproxima-se das análises cartográficas desenvolvidas por Maman (2025), ao evidenciar que a docência constitui um território de produção de afetos e subjetividades, no qual os processos de sofrimento e de criação coexistem de forma dinâmica. Nessa perspectiva, o cotidiano escolar não se reduz a um espaço de reprodução de normas institucionais, mas configura-se como campo de forças em permanente transformação, no qual professoras constroem estratégias singulares de cuidado, resistência e produção de sentido diante das exigências do trabalho contemporâneo.

Embora a intensificação do trabalho possa favorecer processos de desgaste, sobrecarga e esgotamento, aproximando-se de quadros como a síndrome de burnout docente (Carlotto, 2012), esses processos não se apresentam de forma homogênea. As experiências de sofrimento são atravessadas pelas condições institucionais, pelas relações estabelecidas no cotidiano e pelas formas como cada sujeito constrói possibilidades de enfrentamento diante das exigências contemporâneas.

A compreensão desses processos torna-se ainda mais consistente quando se considera que a produção de subjetividade é atravessada por dispositivos culturais que definem expectativas distintas para homens e mulheres. Ao dialogar sobre os modos de subjetivação serem historicamente produzidos e legitimados pelas relações sociais, constituindo percursos que também podem ampliar situações de vulnerabilidade ao sofrimento psíquico.

Assim, como conceber categorias analíticas que nos amparem a pensar, a escutar e a intervir clinicamente levando em consideração as especificidades de gênero? Quais são os mecanismos que moldam esses processos de subjetivação? E que pedagogias afetivas são utilizadas?" (Zanella, 2018, p. 11).

As contribuições de Zanella permitem ampliar a análise da docência, especialmente na Educação Infantil, espaço historicamente marcado pela presença feminina. As expectativas de disponibilidade permanente, cuidado incondicional e responsabilização afetiva, socialmente atribuídas às mulheres, passam a compor o cotidiano profissional das professoras e se articulam às atuais formas de intensificação do trabalho. Nesse cenário, os dispositivos algorítmicos e as tecnologias de gestão não inauguram o sofrimento docente, mas incidem sobre processos de subjetivação já atravessados por exigências culturais relacionadas ao gênero, potencializando situações de sobrecarga e desgaste emocional.

Ao mesmo tempo, os sujeitos não respondem de maneira passiva às forças que os atravessam. A noção de potência, inspirada em Guattari e Rolnik (1996) e desenvolvida por Mansano (2009), permite compreender que, mesmo em contextos marcados pela intensificação do trabalho e pela produção de sofrimento, permanecem abertas possibilidades de criação, resistência e invenção de outros modos de existir. No cotidiano

docente, essas possibilidades manifestam-se nas relações afetivas, nas práticas pedagógicas criativas, nas redes de apoio e nas formas coletivas de cuidado construídas entre os profissionais.

Diante desse conjunto de contribuições, a Psicologia Escolar configura-se como um campo estratégico para compreender as relações entre trabalho, subjetividade e saúde mental. Sua atuação ultrapassa intervenções centradas exclusivamente no indivíduo, voltando-se para a análise das condições institucionais, para a construção de espaços coletivos de escuta e reflexão e para o fortalecimento de práticas que ampliem a autonomia, o cuidado e a produção de vida no ambiente educacional.

MÉTODO

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter exploratório e analítico, orientada pela perspectiva cartográfica proposta por Kastrup (2023) e Passos e Barros (2020), em articulação com os referenciais da pesquisa qualitativa em saúde (Flick, 2009; Minayo, 2016). A escolha dessa abordagem fundamenta-se na possibilidade de acompanhar processos em curso, considerando a produção de subjetividade no cotidiano e as relações entre trabalho, instituição e saúde mental.

O estudo foi desenvolvido com dez professoras de uma instituição de educação infantil da rede municipal, localizada em um território que articula características centrais e periféricas. As participantes possuem, em média, mais de dez anos de atuação na educação pública, experiência que possibilitou compreender as transformações vivenciadas no trabalho docente e seus impactos sobre a saúde mental.

A produção do material empírico ocorreu ao longo de seis meses, por meio da observação do cotidiano institucional e da realização de entrevistas semiestruturadas. A observação buscou acompanhar o cotidiano de trabalho das professoras, atentando para as dinâmicas institucionais, as relações estabelecidas entre os diferentes atores e as situações que atravessam o fazer docente para além do ato de ensinar.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro flexível, contemplando questões relacionadas à percepção do trabalho, ao clima organizacional, ao reconhecimento profissional, à autonomia, às relações interpessoais, às expectativas de desenvolvimento e aos aspectos da saúde mental, como experiências de ansiedade,

cansaço e desgaste emocional. Em consonância com a perspectiva cartográfica, o roteiro foi compreendido como um dispositivo aberto, construído e tensionado no próprio encontro entre pesquisador e participantes.

A análise do material empírico seguiu a lógica da cartografia, privilegiando o mapeamento dos processos, das tensões e dos sentidos produzidos no campo, em vez da definição prévia de categorias analíticas. Foram analisados os movimentos que atravessam o cotidiano docente, articulando dimensões institucionais, subjetivas e relacionais. Esse percurso possibilitou a construção dos eixos analíticos de exaustão e potência, compreendidos como dimensões coexistentes da experiência do trabalho docente.

A pesquisa integra um projeto institucional em andamento e foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando-se os princípios éticos de confidencialidade, anonimato e respeito às participantes. Com o objetivo de sistematizar o percurso metodológico adotado, o Quadro 1 apresenta uma síntese do delineamento metodológico da pesquisa.

Quadro 01 - Delineamento metodológico da pesquisa

Elemento metodológico	Descrição
Tipo de estudo	Pesquisa qualitativa
Natureza	Exploratória e analítica
Delineamento	Pesquisa de campo com abordagem cartográfica
Abordagem teórico-metodológica	Cartografia (Kastrup, 2023; Passos & Barros, 2020) articulada à pesquisa qualitativa em saúde
Referenciais metodológicos	Kastrup (2023); Passos & Barros (2020); Minayo (2016); Flick (2009)
Contexto do estudo	Instituição de educação infantil da rede municipal, situada em território com características centrais e periféricas
Participantes	10 professoras da Educação Infantil, com mais de 10 anos de atuação na rede pública
Período de realização	Seis meses
Técnicas de produção de dados	Observação do cotidiano institucional e entrevistas semiestruturadas
Instrumentos	Roteiro flexível de entrevista e diário de campo
Foco da observação	Dinâmicas de trabalho, relações institucionais, condições de trabalho e experiências cotidianas
Eixos de investigação	Percepção do trabalho; clima organizacional; reconhecimento; autonomia; relações interpessoais; saúde mental
Estratégia analítica	Mapeamento de processos, tensões e sentidos emergentes no

	campo (cartografia)
Eixos produzidos analíticos	Exaustão e potência no trabalho docente
Perspectiva de generalização	Não há pretensão de generalização estatística; busca-se aprofundamento compreensivo e contextual
Aspectos éticos	Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa; uso de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

O Quadro 1 sintetiza o delineamento metodológico da pesquisa e explicita a articulação entre os referenciais teóricos, os procedimentos de produção do material empírico e o percurso analítico adotado. Coerente com a perspectiva cartográfica, o estudo buscou acompanhar os processos que atravessam o cotidiano docente, compreendendo a saúde mental como produção de subjetividade em permanente relação com as condições institucionais e o trabalho. Essa opção metodológica possibilitou construir uma análise sensível às tensões, aos modos de cuidado, às experiências de exaustão e às possibilidades de potência produzidas no contexto investigado.

ANÁLISE E RESULTADOS

A análise do material empírico permitiu compreender os processos que atravessam o cotidiano das professoras, evidenciando as forças que constituem suas experiências de trabalho. Em consonância com a perspectiva cartográfica, a interpretação privilegiou o mapeamento de movimentos, tensões e sentidos produzidos nas relações entre sujeito, trabalho e instituição (Kastrup 2023; Passos & Barros, 2020).

A partir desse percurso, foram delineados dois eixos analíticos principais, exaustão e potência compreendidos não como polos opostos fixos, mas como dimensões coexistentes e em constante tensão no cotidiano docente. Esses eixos permitiram organizar o material empírico sem reduzir sua complexidade, evidenciando tanto os processos de desgaste quanto as possibilidades de criação presentes no trabalho das professoras. O quadro 2 apresenta a sistematização desses eixos e das principais expressões identificadas no campo empírico.

Quadro 2 - Eixos analíticos e principais resultados da pesquisa

Eixo analítico	Dimensão analisada	Expressões no campo empírico	Articulação teórica
Exaustão	Sobrecarga de trabalho	Acúmulo de funções, intensificação das demandas	Intensificação do trabalho (Leite & Souza, 2007)
Exaustão	Exigências institucionais	Pressões por resultados, controle e burocratização	Organização do trabalho pedagógico (Libâneo, 2010)
Exaustão	Desgaste emocional	Ansiedade, cansaço, esgotamento	Burnout docente (Carlotto, 2012)
Exaustão	Invisibilidade	Falta de reconhecimento profissional	Mal-estar na educação (Aguiar & Almeida, 2021)
Potência	Relações afetivas	Vínculos com crianças e colegas	Afetividade (Zanella, 2018)
Potência	Sentido do trabalho	Identificação com a docência	Autonomia (Freire, 1996)
Potência	Apoio coletivo	Trocas entre pares	Produção do cuidado (Merhy & Franco, 2013)
Potência	Criação	Estratégias singulares de enfrentamento	Subjetividade (Guattari & Rolnik, 1996)

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Os eixos analíticos apresentados a seguir buscam compreender como exaustão e potência se manifestam na experiência cotidiana das professoras participantes. Essa leitura dialoga com críticas clássicas do campo da saúde mental, segundo as quais práticas desvinculadas dos sujeitos e de seus contextos tendem a se reduzir a ações normativas e pouco transformadoras, mesmo quando legitimadas pelo discurso do cuidado (Guerra, 2008; Nascimento, 1990).

Eixo da exaustão no trabalho docente

Os dados evidenciam que a exaustão no trabalho docente resulta da articulação entre múltiplos fatores, envolvendo tanto as condições objetivas de trabalho quanto as formas de organização institucional. A intensificação das demandas aparece de maneira recorrente nas falas das participantes, como expressa uma professora: “A gente não para nunca”. Outra complementa: “Parece que tudo sobra pra gente”. Esses relatos revelam uma rotina marcada pela ampliação das responsabilidades e pela sobreposição de funções que frequentemente extrapolam o ato de ensinar.

Essa realidade é potencializada pela incorporação de mecanismos institucionais e tecnológicos que ampliam o controle sobre o trabalho docente, estabelecendo prazos,

metas, registros permanentes e formas de monitoramento que contribuem para a intensificação das atividades e para o desgaste cotidiano. As experiências narradas pelas participantes indicam que tais exigências não se restringem ao aumento do volume de trabalho, mas repercutem diretamente na forma como organizam seu tempo, conduzem suas práticas e percebem sua autonomia profissional.

Essa análise aproxima-se das contribuições de Foucault (2007) e Baremblytt (1984), ao compreender as instituições como espaços de produção de subjetividade, nos quais determinadas formas de agir, sentir e trabalhar são permanentemente reguladas. Na docência contemporânea, esses processos assumem novas configurações com a incorporação de plataformas digitais, sistemas de gestão e mecanismos algorítmicos que reorganizam o cotidiano escolar e introduzem formas mais difusas de acompanhamento e avaliação do trabalho.

Esse movimento integra um processo mais amplo de digitalização e dataficação¹ da educação, no qual atividades, interações e práticas pedagógicas passam a ser continuamente registradas, monitoradas e convertidas em dados. Embora essas tecnologias sejam frequentemente apresentadas como estratégias de modernização e otimização da gestão escolar, elas também ampliam mecanismos de controle, intensificam o ritmo de trabalho e produzem novas formas de responsabilização das professoras pelos resultados alcançados.

Como consequência, observa-se a constituição de uma temporalidade marcada pela aceleração, pela exigência de respostas imediatas, pela realização constante de registros e pela disponibilidade permanente, frequentemente ultrapassando os limites entre a vida profissional e a vida pessoal. A redução dos tempos de pausa, reflexão e descanso repercute diretamente sobre a saúde mental das docentes e amplia experiências de desgaste, ansiedade e sobrecarga identificadas ao longo da pesquisa.

De acordo com o relatório *Mental Health at Work*, publicado pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2022), estima-se que cerca de 15% dos adultos em idade produtiva convivem com algum transtorno mental, sendo as condições inadequadas de trabalho

¹ *Dataficação* refere-se ao processo de transformação de ações, interações e práticas sociais em dados digitais passíveis de registro, monitoramento, processamento e análise por sistemas computacionais, permitindo sua utilização na gestão, na avaliação e na tomada de decisões (Mayer-Schönberger; Cukier, 2013).

reconhecidas como importantes fatores de risco para ansiedade, depressão e outros agravos relacionados à saúde mental. Embora esses dados não se restrinjam à docência, oferecem um importante referencial para compreender o sofrimento psíquico observado entre as professoras participantes, cujas narrativas evidenciam os efeitos da intensificação das demandas institucionais e do uso crescente de tecnologias digitais no cotidiano escolar. Com o objetivo de sistematizar esses achados, o Quadro 3 sintetiza as principais incidências das lógicas algorítmicas sobre o trabalho docente e seus desdobramentos para a saúde mental das participantes.

Quadro 3 – Incidência de lógicas algorítmicas no trabalho docente e seus efeitos na saúde mental

Dimensão	Expressão no cotidiano	Efeitos na saúde mental
Controle	Plataformas digitais, registros e monitoramento	Sensação de vigilância e autocobrança
Tempo	Demandas imediatas e conectividade contínua	Aceleração, ansiedade e dificuldade de desligamento
Avaliação	Metas, indicadores e resultados	Pressão por desempenho e insegurança
Comunicação	Grupos institucionais e aplicativos	Extensão do trabalho para além da jornada

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Os relatos das participantes revelam que essas transformações se expressam tanto no plano emocional quanto no corporal, sendo recorrentes as referências à ansiedade, ao cansaço e ao esgotamento. Como relata uma das professoras: "*Chega no fim do dia, a gente já não tem mais energia pra nada.*" Essas narrativas reforçam a indissociabilidade entre trabalho e saúde, evidenciando que o sofrimento psíquico não pode ser compreendido como um fenômeno exclusivamente individual, mas como resultado das condições e das relações que estruturam o trabalho docente (Leite & Souza, 2007).

Outro aspecto recorrente nas entrevistas refere-se à percepção de desvalorização e invisibilidade profissional. A ausência de reconhecimento fragiliza os sentidos atribuídos ao trabalho, intensifica o desgaste cotidiano e compromete a construção de experiências de pertencimento e realização profissional, evidenciando a importância das dimensões simbólicas na produção da saúde mental.

Essa interpretação aproxima-se da perspectiva da atenção psicossocial, que compreende o sofrimento psíquico como um processo produzido nas relações sociais,

institucionais e históricas, e não como expressão exclusiva de características individuais (Amarante, 2007; Costa-Rosa, 2000). Sob essa perspectiva, o mal-estar docente pode ser analisado como efeito das formas contemporâneas de organização do trabalho e de gestão da vida, que atravessam os modos de subjetivação e produzem repercussões concretas sobre a experiência cotidiana das professoras.

Eixo da potência no trabalho docente

Apesar das condições adversas evidenciadas ao longo da pesquisa, o material empírico também revela movimentos de resistência, criação e produção de sentidos no cotidiano docente (Freire, 1996). Esses movimentos manifestam-se, sobretudo, nas relações afetivas estabelecidas com as crianças e entre as próprias professoras, como expressa uma participante: *"É o carinho deles que faz a gente continuar."* Longe de representar apenas um recurso emocional, essas experiências constituem importantes formas de sustentação do trabalho e de fortalecimento da permanência na profissão.

Nessa direção, a afetividade configura-se como elemento estruturante da experiência docente, produzindo reconhecimento, pertencimento e sentido para o fazer pedagógico. Em diálogo com Zanello (2018), compreende-se que essas relações também participam dos processos de produção de subjetividade, constituindo dispositivos que podem ampliar experiências de cuidado e fortalecer a saúde mental das professoras, mesmo em contextos marcados pela intensificação do trabalho.

A identificação com a docência e o compromisso ético com o processo educativo também emergem como importantes expressões de potência. Ao afirmar *"Apesar de tudo, eu gosto do que eu faço"*, uma das participantes evidencia que o vínculo com a profissão ultrapassa as dificuldades vivenciadas no cotidiano e se sustenta na construção de sentidos que reafirmam a importância social e pessoal do trabalho docente.

Outro aspecto recorrente refere-se ao coletivo de trabalho como espaço de apoio, acolhimento e compartilhamento de experiências. A afirmação *"Se não fossem as colegas, seria muito mais difícil"* evidencia que as relações estabelecidas entre as professoras favorecem a construção de estratégias coletivas de enfrentamento diante das dificuldades cotidianas. Tal compreensão aproxima-se das contribuições de Merhy e Franco (2013), para os quais o cuidado é produzido nas relações e no trabalho vivo, constituindo-se como

prática essencialmente coletiva.

Além das relações interpessoais, observam-se movimentos de reinvenção do cotidiano, nos quais as professoras constroem brechas para exercer autonomia, criatividade e protagonismo em suas práticas pedagógicas. Essas experiências evidenciam que, mesmo atravessado por normas institucionais e dispositivos de controle, o trabalho docente permanece como espaço de produção de subjetividade e de potência, conforme discutem Guattari e Rolnik (1996).

Os achados também dialogam com Maman (2026), ao indicar que as experiências de cuidado na docência apresentam caráter bidirecional. Ao mesmo tempo em que as professoras produzem cuidado dirigido às crianças e à comunidade escolar, também constroem, nas relações cotidianas, possibilidades de sustentação de sua própria saúde mental. Essa dinâmica evidencia que o cuidado não se estabelece como prática unilateral, mas como processo relacional capaz de fortalecer vínculos, produzir reconhecimento e ampliar a potência de agir no trabalho.

Quando essas práticas são orientadas pela escuta, pelo reconhecimento da singularidade e pela valorização das relações, aproximam-se dos princípios da atenção psicossocial, que compreende o cuidado como produção de autonomia, vínculo e sentido (Assis, 2004; Prata, 2004). Sob essa perspectiva, a potência não se opõe à exaustão, mas constitui um movimento que emerge no interior das próprias condições de trabalho, permitindo às professoras construir estratégias de enfrentamento, cooperação e reinvenção do cotidiano.

A análise da pesquisa evidencia que o trabalho docente não se reduz às condições que produzem desgaste e sofrimento. As estratégias construídas pelas professoras para negociar, resistir e, por vezes, subverter as lógicas institucionais demonstram que, mesmo atravessada por dispositivos de controle, a docência permanece como espaço de criação, produção de autonomia e invenção de novas formas de existência. A tensão entre exaustão e potência expressa a complexidade da experiência docente e reforça a necessidade de práticas institucionais comprometidas com a promoção da saúde mental, o fortalecimento dos coletivos de trabalho e a produção de vida no contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permitiu compreender que a saúde mental de professoras da educação infantil é produzida na intersecção entre condições de trabalho, modos de organização institucional e processos contemporâneos de subjetivação. Nesse cenário, a crescente incorporação de tecnologias digitais e de lógicas algorítmicas à organização do trabalho docente ultrapassa a dimensão técnica, produzindo efeitos sobre a autonomia profissional, os ritmos de trabalho, as relações estabelecidas no cotidiano escolar e os modos pelos quais as professoras vivenciam e significam sua prática.

Os achados evidenciam que a experiência docente é atravessada por uma tensão permanente entre exaustão e potência. De um lado, a intensificação das demandas institucionais, a ampliação das responsabilidades, a percepção de controle permanente e a desvalorização profissional contribuem para processos de desgaste e sofrimento psíquico. De outro, as relações afetivas construídas com as crianças, o compromisso ético com a docência, o apoio entre pares e as estratégias de reinvenção do cotidiano demonstram que o trabalho permanece como espaço de criação, resistência e produção de novos sentidos.

Essa compreensão reforça que a saúde mental docente não pode ser reduzida a características individuais ou interpretada exclusivamente sob uma perspectiva clínica. O sofrimento psíquico emerge das relações estabelecidas no trabalho e das condições institucionais que organizam a atividade docente, exigindo respostas que também se construam no plano coletivo. Sob essa perspectiva, o diálogo com o campo da Saúde Mental Coletiva e com os princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira amplia a compreensão do cuidado como produção de autonomia, participação e reconhecimento, conforme discutem Amarante (2013) e Costa-Rosa (2011).

As implicações deste estudo apontam para a necessidade de fortalecer políticas institucionais voltadas à valorização do trabalho docente, à criação de espaços coletivos de escuta e apoio e à reflexão crítica sobre o uso de tecnologias digitais na educação. Mais do que discutir a incorporação de novos recursos tecnológicos, torna-se necessário problematizar as formas pelas quais plataformas, sistemas de gestão e dispositivos algorítmicos reorganizam tempos, relações e modos de trabalhar, produzindo efeitos que repercutem diretamente sobre a saúde mental.

Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a docência contemporânea se constitui

na tensão permanente entre códigos e afetos. Os códigos expressam racionalidades algorítmicas que organizam, monitoram e intensificam o trabalho docente, enquanto os afetos revelam a potência dos processos de subjetivação produzidos nas relações, nas experiências de cuidado e nas formas de resistência construídas no cotidiano escolar. É nesse campo de forças que se produzem, simultaneamente, a exaustão e a potência da experiência docente, reafirmando que a saúde mental se constrói nas relações entre sujeitos, instituições e modos de organização do trabalho.

Por fim, compreender a docência entre exaustão e potência significa reconhecer que os mesmos contextos que produzem sofrimento também podem abrir possibilidades de criação, cooperação e transformação. Os resultados convergem com estudos recentes que compreendem a docência como território de produção de afetos, subjetividades e temporalidades, no qual o cuidado se constitui como processo relacional e bidirecional, capaz de sustentar experiências de resistência e produção de vida mesmo em contextos de intensificação do trabalho (Maman, 2026; Maman, 2025). Afirmar a potência do trabalho docente não implica negar os processos de desgaste identificados nesta pesquisa, mas reconhecer a capacidade das professoras de produzir estratégias de resistência, reinventar práticas e construir coletivamente novos modos de existir no trabalho. Nesse movimento, a educação reafirma-se como espaço de produção de vida, de vínculos e de transformação social, enquanto a Psicologia Escolar fortalece seu papel na promoção da saúde mental e na construção de instituições mais democráticas, acolhedoras e comprometidas com o cuidado.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rosana Márcia Rolando; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Mal-estar na educação: O sofrimento psíquico dos professores**. Curitiba: Juruá Psicologia, 2021.
- AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- ASSIS, C. Oficinas terapêuticas e produção de subjetividade. **Revista de Saúde Mental**, v. 3, n. 2, p. 45–60, 2004.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1984.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

COSTA-ROSA, Abílio da. **Atenção psicossocial além da reforma psiquiátrica.** São Paulo: UNESP, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

GUERRA, Andréa M. Costa. **Oficinas terapêuticas: práticas, discursos e sentidos.** Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 30, n. 1, p. 15–28, 2008.

KASTRUP, Virgínia. Escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 35, e6393, 2023. Doi.org/10.12957/riae.2023.80661.

LEITE, Márcia de Paula; SOUZA, Aparecida Neri de. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 1105–1121, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 573-597, dez. 2010.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big Data: como extrair volume, variedade, velocidade e valor da avalanche de informação cotidiana.** Tradução de Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MAMAN, Daniela De. Travessias da temporalidade e cartografias da saúde mental: bidirecionalidade do cuidado na docência. **Educação**, Santa Maria, v. 51, e73, p. 1-22, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644495596>.

MAMAN, Daniela De. No ritmo das marés: cartografia de afetos e subjetividades na docência. **Educação**, Santa Maria, v. 50, n. 1, e123, p. 1-25, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644488735>.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Transformações da subjetividade no exercício do trabalho imaterial. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 512-524, 2009. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2009.9120>

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

NASCIMENTO, B. **O mito das atividades terapêuticas.** Rio de Janeiro: Editora ABC, 1990.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (org.). **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2020.

PRATA, J. **A atenção psicossocial e as oficinas terapêuticas.** São Paulo: Editora DEF, 2004.

SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia social:** uma epistemologia da esperança. São Paulo: Cortez, 2009.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health at work: policy brief.** Geneva: WHO, 2022.

NOTA SOBRE A AUTORIA

Autor 1:

- Concepção do estudo, delineamento metodológico e redação do manuscrito;
- Coleta e análise dos dados;
- Fundamentação teórica e revisão crítica do conteúdo;
- Organização e sistematização dos resultados;
- Revisão final e aprovação da versão submetida.

Autor 2:

- Concepção do estudo, delineamento metodológico e redação do manuscrito;
- Coleta e análise dos dados;
- Organização e sistematização dos resultados;
- Revisão final e aprovação da versão submetida.

REVISÃO DO ARTIGO

Pela autora (revisor de linguagem e pontuação).

NOTA SOBRE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

“Durante o processo de produção deste artigo, especificamente na(s) etapa(s) de revisão de autores no corpo do texto, foi utilizada a ferramenta Gemini com o propósito de verificar se houve repetição de parágrafos no corpo do texto. Após a utilização da ferramenta, os autores revisaram e editaram a apresentação dos resultados, sendo inteiramente responsáveis pelo conteúdo aqui apresentado.”

Recebido em: 17/03/2026

Parecer em: 03/07/2026

Aprovado em: 10/07/2026